

## **A VISITA TÉCNICA SOB O OLHAR DOS DISCENTES DO MBA EM GESTÃO DE COOPERATIVA DA UFRR**

THE TECHNICAL VISIT UNDER THE VISION OF THE MBA COOPERATIVE MANAGERS OF UFRR

### **Sandréia de Araújo Campêlo**

Email: sandreiaaxl@gmail.com

Especialista MBA em Gestão de Cooperativas da Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR.

### **Georgia Patrícia da Silva Ferko**

Email: geoufpe@yahoo.com.br

Coordenadora Pedagógica e Professora do Curso MBA em Gestão de Cooperativas,

Chefe e Prof<sup>ª</sup> do Dep. de Administração da UFRR, Boa Vista, RR.

Manuscript first received/*Recebido em*: 01/11/2016 Manuscript accepted/*Aprovado em*: 21/12/2016

Avaliação: Double Blind Review

## **RESUMO**

Este artigo tem por objetivo apresentar a percepção dos discentes sobre a prática da visita técnica, no Curso de MBA em cooperativismo, promovida pelo SESCOOP-RR, na cooperativa COOPERCARNE. Os resultados de uma pesquisa qualitativa exploratória. Foram consultados documentos e relatórios do curso. A realização da visita técnica no MBA em Gestão de Cooperativas foi vista pelos alunos como uma atividade agregadora, pois pode-se observar o ambiente real de uma cooperativa em pleno funcionamento, além de ser possível verificar sua dinâmica organizacional. Conclui-se que a visita técnica foi satisfatória aos olhos dos discentes, já que houve a possibilidade de confrontar aspectos teóricos com a prática, bem como contribuir para a sua formação geral do aluno a partir do desenvolvimento do senso crítico.

**Palavras-chaves:** Visita Técnica, Cooperação e COOPERCARNE.

## **Abstract**

This article aims to present the students' perception about the practice of the technical visit, in the MBA course in cooperativism, promoted by SESCOOP-RR, in the cooperative

COOPERCARNE. The results of an exploratory qualitative research. Documents and course reports were consulted. The realization of the technical visit in the MBA in Cooperative Management was seen by the students as an aggregating activity, since it is possible to observe the real environment of a cooperative in full operation, besides being possible to verify its organizational dynamics. It is concluded that the technical visit was satisfactory in the eyes of the students, since it was possible to confront theoretical aspects with the practice, as well as to contribute to their general formation of the student from the development of the critical sense.

**Keywords:** Technical Visit, Cooperation and COOPERCARNE.

## 1 INTRODUÇÃO

No meio acadêmico a visita técnica tem sido bastante difundida na maioria dos cursos de graduação, tal como acontece em vários cursos da UFRR. Na Pós graduação MBA em Gestão de Cooperativas não é diferente. Na 2ª edição da Pós-graduação, foram realizadas duas visitas técnicas em Cooperativas da região, as quais foram escolhidas pelo nível de sustentabilidade, proveniente de uma gestão eficiente.

Diante desse recurso metodológico, e da prática vivenciada este trabalho buscou apreender a percepção dos discentes sobre a prática da visita técnica, no Curso de Pós MBA em Gestão de Cooperativas. Em linha gerais, a intenção foi saber se houve contribuição no aprendizado e quais os efeitos na formação dos acadêmicos.

Para cada visita teve um roteiro básico para o desenvolvimento da atividade e depois os alunos tiveram que apresentar um relatório. A cooperativa receptora mostrava a realidade do local, apresentando documentos e alguns dados sobre a evolução da organização e posterior fazia-se um tour pelas dependências da organização,

Neste sentido, a pesquisa focou-se visita técnica que ocorreu na Cooperativa Agropecuária de Roraima- COOPERCARNE, no dia 24 de setembro de 2015. Quanto ao instrumento de coleta de dados recorreu-se as documentos e relatórios dos alunos os quais dispunham de questões abertas. Para análise dos dados, realizou-se a análise de conteúdo (Bardin, 1977) das respostas no tocante a percepção expressada pelos participantes.

## 2 A EDUCAÇÃO NO COOPERATIVISMO

No surgimento das primeiras formas primitivas da humanidade, já existia a cooperação entre os seres vivos, onde cada um colaborava com seu próximo sem receber benefício em troca, com o passar dos anos a economia do mundo foi mudando, passando por transformações, a ajuda mútua passou por a ser desvalorizada e veio o capitalismo.

O Cooperativismo não seria mais do que um grupo de pessoas, juntas por um mesmo propósito, buscando por uma solução de problemas econômicos por meio de uma certa reciprocidade e solidariedade humana. Para Crúzio (2005, p.13), "cooperativa é a união de trabalhadores ou profissionais diversos, que se associam por iniciativa própria, sendo livre o ingresso de pessoas, desde que os interesses individuais em produzir, comercializar ou prestar um serviço, não sejam conflitantes com os objetivos gerais da cooperativa".

Conforme De Plácido e Silva (2000), a palavra cooperativa se deriva do latim *cooperativus*, de *cooperari*, que significa cooperar, colaborar, trabalho com os outros. A noção que se tem, é que o cooperativismo existe desde primórdios onde se demonstrava cooperação entre os demais para a caça e até mesmo colheita. Isso evidencia que a cooperação tem sido constante na vida do ser humano no decorrer dos tempos, quando os homens se agrupam para defenderem interesses em comum.

De acordo com Oliveira (2013 como citado em Souza 1990), no século XVIII as ideias cooperativistas já se agitavam bastante na Inglaterra, dando um incentivo cada vez mais para o braço operário na busca de seus ideais. Mas a consolidação do termo cooperativismo se deu no século XIX, 1844 na Inglaterra em um bairro de Manchester, chamado Rochdale. Com o surgimento do desemprego gerado pela Revolução Industrial, agravando em uma crise, que substituiu por máquinas a vapor o trabalho artesanal, os tecelões criaram o que seria a primeira cooperativa.

Após o surgimento dos primeiros traços de uma cooperativa em Rochdale, começaram a surgir em outras localidades da Europa, na França às primeiras cooperativas operárias de produção e na Alemanha as primeiras cooperativas de crédito. Então em outros locais começaram a surgir as primeiras centrais, confederações e federações de cooperativas.

No início do século XIX, surgiu a Revolução Industrial, onde a mão-de-obra estava sendo substituída pelas máquinas, os salários eram baixos, longas jornadas de trabalho, as famílias passam por dificuldades financeiras. E em meio dessa crise, um grupo de 28 tecelões se uniu e teve a ideia de trabalhar juntos, em forma de organização de uma cooperativa, com

um capital de 28 libras conseguiram abrir as portas de um armazém em Rochdale, cidade de Manchester - Inglaterra, em 21 de Dezembro de 1844, com o nome de Sociedade Rochdale dos Pioneiros Equitativos.

Assim foi constituída a primeira cooperativa, conforme diz Don José Mána Arizmendiarieta, 2015: A cooperativa é uma estrutura em que o trabalhador e a pessoa são a fonte do poder, tendo o capital um caráter instrumental e subordinado.

Foram criados sete princípios cooperativistas, que são eles: Adesão Voluntária e Livre; Gestão Democrática e Livre; Participação econômica dos associados; Autonomia e Independência; Educação, formação e Informação; Cooperação entre Cooperativas e por último, interesse pela comunidade.

Como aconteceu na Europa, o cooperativismo brasileiro também apresentou suas primeiras experiências. Conforme dados da OCB (2012), o cooperativismo brasileiro teve início por volta de 1847 através das ações de empenho do médico francês Jean Maurice Faivre, que em conjunto com um grupo de europeus fundou nos sertões do Paraná, que não era uma Cooperativa e, sim, uma organização comunitária que funcionava de acordo com os ideais cooperativistas.

## **2.1. Educação Cooperativista**

A educação é algo primordial para o desenvolvimento humano, e dentro de uma cooperativa como se tem conhecimento, uma cooperativa seria um grupo de pessoal com uma necessidade em comum que decidem se unir e, contudo acabar se ajudando em tal propósito, seria uma busca de entendimento compartilhado entre todos. A cooperação e educação seguem uma linha conjunta, concretizada por meio de interações entre os associados, sendo assim ainda dentro da cooperativa é produzido aprendizagem e novos conhecimentos, com base no nesse princípio que seria um dos mais importantes. Como um dos princípios que norteiam o cooperativismo, especificamente quanto aos fatores organizacionais internos, a educação cooperativista seria como um instrumento fundamental para o bom funcionamento da empresa cooperativa na medida em que essa educação vise ampliar a participação direta dos associados nas decisões da organização.

Assim é importante ressaltar qual o objetivo se pretende atingir com a educação, ou até mesmo, qual é a sua função no cooperativismo. Para Schneider (2003), a educação deve instigar a reflexão, a discussão e a ação dos envolvidos de forma gradativa para que assim

possa ocorrer o interesse pela participação e, assim, transformá-los em agentes do próprio desenvolvimento.

Frantz e Schönardie (2007) seguindo a mesma linha de raciocínio defendem que, além das trocas de conhecimentos técnicos e científicos, é preciso que a educação seja uma prática relevante, mostrando sua importância na comunicação e na participação.

O conceito de educação cooperativa para Schneider et al. (2010) pode ser entendido como uma gama de ensinamentos que além de agregar e contribuir culturalmente com os envolvidos com os trabalhos, trabalha valores, princípios do cooperativismo, uma educação que se volta para o desenvolvimento do ser humano para com as cooperativas. Os mesmos autores citam a educação cooperativa como promotora dos valores humanos e tudo que promove o ser humano, bem como destaca o respeito ao meio ambiente. A educação cooperativa tem uma amplitude, não se concentrando apenas em associados, funcionários ou até mesmo nos familiares dos mesmos, ela abrange a todos, tendo consigo como se fosse um compromisso social.

Em visão de agregar valor e conhecimentos, nessa troca entre cooperação e educação. Frantz (2001, p 243) menciona que “[...] no processo da educação, podem se identificar práticas cooperativas e, no processo da cooperação, podem-se identificar práticas educativas”. Neste sentido, existe uma linha tênue entre educação e cooperação, ambas são consideradas práticas sociais e promovem o conhecimento, no diálogo da cooperação se dá o processo de construção e reconstrução dos diversos saberes (Frantz, 2001).

Ferreira e Presno Amodeo (2008) definem como o principal objetivo da educação cooperativista:

[...] contribuir para que os associados aprendam a cooperar, participar e gerir a cooperativa da qual são os donos, compreendendo, deste modo, qual o seu papel na organização. Para tanto, é necessário que entendam o que é uma cooperativa, o que as diferencia de outros tipos de empresas, como se dá o seu funcionamento, como se estrutura, atentando, ao mesmo tempo, para os valores e princípios que norteiam o cooperativismo e que determinam diretamente sua identidade e a sua cultura organizacional. Os funcionários também precisam saber as especificidades das cooperativas, entendendo qual é a sua função dentro desta organização (Ferreira E Presno Amodeo, 2008 – p.3).

Os autores destacam ainda que deve se ter atenção e compreender todas as relações que se tem entre os associados e a cooperativa em si, sabendo qual o papel que cada um exerce, de forma simultânea. Determinando assim como se dará o caminho para uma organização focada e direcionada.

Em geral, a educação cooperativista promove um papel importante para os associados nas organizações cooperativas e a cooperação como estratégia de desenvolvimento. No entanto, para que se viabilize a participação dos associados na gestão da cooperativa, deva ocorrer capacitações na área.

Sendo um dos princípios do cooperativismo, no qual se tem até mais atenção que os outros, a educação deve seguir embasado junto com o cooperativismo. Para que assim não se perca as suas ideologias. Tão importante quanto à educação, é a garantia da mesma para o movimento cooperativista, a qual representa o seu quinto princípio – “Educação, Formação e Informação” (Klaes, 2005, p. 21). Entende-se então que os cooperativistas veem a educação como um acesso para a concretização de suas ações. Pois, somente por meio da educação cooperativista que seremos capazes de formar cooperados apropriados para desenvolver seus papéis dentro das suas respectivas áreas.

Para Schneider e Hendges (2006), o princípio da educação identifica-se como a “regra de ouro”, a educação sempre foi um comprometimento das cooperativas, sempre esteve presente na relação dos princípios doutrinários desde o início do Movimento Cooperativista. O princípio do interesse pela comunidade, como diz no próprio nome, relaciona-se com a comunidade. As cooperativas precisam considerar o espaço físico onde estão inseridas, priorizando um bom relacionamento e envolvimento com a comunidade do local.

Lago (2008) já havia citado a efetivação da educação cooperativa como uma das “chaves” para o sucesso de uma organização:

[...] a efetivação da educação cooperativa nos moldes tradicionais promovidos pelas escolas e profissionais preparados para a competição dificilmente formará pessoas cooperativistas. Por isso, a educação cooperativa deve ser pensada e implementada pelas cooperativas, pois, são estas as promotoras dos princípios de solidariedade e cooperação. Assim, cabe às cooperativas investirem na educação de seus associados, colaboradores, jovens e crianças, através de ações próprias ou em parcerias com outros atores ou instituições. (Lago, 2008, p. 6)

Deste modo, cabe à educação cooperativista nas fases iniciais de ensino formar pessoas habilidosas para quando jovens e adultos tenha total capacidade de autogerir as cooperativas e contribuir na gestão de todos os organismos do movimento. Ao manter se fiel às ideologias do movimento, esta educação promoverá práticas pedagógicas em âmbitos educacionais que despertem nos educandos o perfil cooperativista.

É preciso salientar que a educação cooperativista se traduz em um processo de aprendizagem de forma continuada e persistente, a ser promovido pelas organizações

cooperativas, capaz de dar subsídios para o enfretamento das contradições internas e externas que acaso se apresentem a estas organizações.

Questão essa abordada por Schneider (2003), ao salientar que;

Não se consegue mudar uma situação de concorrência para ajuda mútua de uma hora para outra. Desencadeia-se um processo cujo resultado só se obtém em longo prazo. Por isso, também, deve enfatizar-se na educação cooperativa seu caráter de educação permanente. Educar para solidariedade e a ajuda mútua tende a ser uma tarefa precípua das cooperativas. Daí a importância de os dirigentes das cooperativas serem sensíveis a esta realidade, investirem na educação dos seus associados e funcionários (Schneider, 2003, p.14).

Levando em consideração o ato de aprendizagem e educação continua, deve se salientar na paciência dos gestores na aplicabilidade da educação em si, sabendo que seria um projeto de longo prazo e que poderia haver conflitos dos demais associados.

Falando de educação cooperativista como capacitação e informação dos seus integrantes, esta precisa ser uma atividade como já falado anteriormente deve ser de forma contínua para que desenvolva habilidades e competências ainda não presentes nos cooperados e se presentes que se tenham possibilidades de aperfeiçoamento no intuito de que todos participem ativamente e com total eficiência das atividades da cooperativa a qual estaria ligado.

Este princípio [Educação, Formação e Informação], ainda segundo Klaes (2005), enfatiza a importância vital da educação e da formação dentro das cooperativas. Educação significa mais do que simplesmente distribuir informação ou encorajar o patrocínio, significa engajar as mentes dos membros, líderes eleitos, gerentes e empregados na compreensão total da complexidade e da riqueza do pensamento e da ação cooperativas. Formar significa assegurar que os associados das cooperativas possuam as habilidades requeridas para bem desempenhar suas responsabilidades. (Benetti, Costa e Klaes, 2006, p. 2)

Nas palavras dos autores, a educação cooperativista impulsiona as ações associativistas. Assim, se houve a falta de educação para os cooperados torna o futuro do empreendimento incerto, principalmente quando se tratar dos problemas estruturais de autogestão. Caso não se tenha competência para gerenciar, será impossível viabilizar a atividade econômica da cooperativa. Por isso, o movimento cooperativista não pode deixar de investir na educação, a sua ausência diminuiria suas bases a ponto de não resistir aos problemas. E como o foco principal da educação cooperativista seria de disseminar a cultura da cooperação segundo o cooperativismo. Para que com isso facilite todas as vias de acessos entre cooperativa e associados.

Tudo isso demonstra o quanto a doutrina cooperativista é atual e proveitosa para a sociedade. E a base para que seja realmente sustentável é a educação. Ocasionalmente assim certo companheirismo entre cooperar e educar.

Frantz e Schönardie (2007) tem uma linha de pensamento que segue a mesma ideia:

O cooperativismo pode representar, teoricamente, um modelo de organização econômica e social mais justo para produzir e distribuir riquezas, pois, por sua natureza associativa oferece uma estrutura de poder econômico e político mais próximo de seus integrantes. Porém, esse modelo só pode ser construído pela permanente comunicação e educação de seus integrantes, pela qualificação de seus associados, dirigentes e funcionários, pela participação política e econômica de todos os associados na elaboração dos planos e execução dos projetos de suas cooperativas (Frantz e Schönardie, 2007 – p. 4).

Ao citar educação, não tem como não pensar também em cooperação, pois o processo de educação consiste em base de trocas, educando e educador, escola e comunidade, teoria e prática, em linhas gerais tudo está envolto da reciprocidade, na troca de conhecimentos e cooperação dos mesmos em aprender. “Através da Cooperação no dia a dia da sala de aula, podemos transformar a nossa prática pedagógica e criar um ambiente de mútua ajuda, respeito pelas diferenças e responsabilidade compartilhada” (Brotto, 2012).

Portanto, e como apresentado até aqui, a educação cooperativista é um processo contínuo de aprendizagem, que deve abranger públicos distintos que vão dos seus funcionários até mesmo a comunidade em si e com diferente nível educativo, tendo em vista que existem determinadas demandas que são específicas para cada um desses públicos e que por isso exigem conteúdos variados.

## **2.2. Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo - SESCOOP**

A criação do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo – SESCOOP, foi autorizado pela Medida Provisória nº 1.715 (1998), como personalidade jurídica de direito privado, sem prejuízo da fiscalização da aplicação de seus recursos pelo Tribunal de Contas da União, com o objetivo de organizar, administrar e executar em todo o território nacional o ensino de formação profissional, monitoramento e promoção social do trabalhador em cooperativas e cooperados, conforme consta no Art. nº 7 da Medida Provisória.

No Decreto nº 3.017 (1999), no governo Fernando Henrique Cardoso, foi aprovado e definido o Regimento Interno do SESCOOP, onde fica vinculado ao sistema sindical, tem sede e foro em Brasília, Distrito Federal, e representado nos 26 estados e no Distrito Federal. Em parágrafo único da Medida Provisória, o SESCOOP será presidido pelo Presidente da OCB, tendo como Atual Presidente Nacional Márcio Lopes de Freitas e como Superintendente Renato Nobile.

Segundo informações obtidas no Brasil Cooperativo, a quantidade de profissionais capacitados pelo SESCOOP para atuar no setor saiu de 81 mil, em dezembro de 2000, para mais de 1 milhão, no acumulado até 2007. Com isso, tornou-se o principal estimulador da autogestão, da formação profissional, do monitoramento e da promoção social das cooperativas. O conjunto dessas ações contribuiu fortemente para o desenvolvimento sustentável do cooperativismo.

Ainda informações colhidas em Brasil cooperativo, o SESCOOP também colabora para a melhoria da qualidade de vida da população. Tanto, que o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) – criado para medir o nível de desenvolvimento de um país, a partir de indicadores de educação, longevidade e renda – dos municípios onde existem cooperativas é sempre mais alto que os dos municípios sem cooperativa. Uma das explicações para isso é o caráter social dessas sociedades que, por não objetivarem o lucro, possibilitam a fixação dos recursos obtidos para o desenvolvimento da economia e da população locais.

O SESCOOP vem ao longo dos anos, desenvolvendo estudos para melhorar a qualidade de gestão das cooperativas. E em meio a esses estudos feitos, foram criados programas nas três áreas de atuação do SESCOOP. A área de formação profissional, podemos ter um resumo das capacitações a serem oferecidas as cooperativas registradas e ativas no estado, através de um levantamento feito em cada unidade estadual, das melhorias na área de qualificação e/ou capacitação profissional. Esse levantamento foi realizado através do SINAC - Sistema Nacional de Autogestão das Cooperativas, foi um programa criado para ser alimentado com informações das cooperativas, que vai facilitar a troca de informações.

Um programa criado para uso exclusivo das unidades estaduais e da Nacional, onde consta à base de dados das cooperativas registradas na OCB, sendo elas ativas ou inativas. Um programa que deve ser alimentado conforme modificações realizadas em assembleias de cooperativas.

Já na área de Promoção Social, em 2014 foi aderido pelos estados brasileiros, o programa Dia C - Dia de Cooperar. Que nasceu no Sistema OCEMG, em Minas Gerais, com o objetivo de executar a responsabilidade social, colando em prática os valores e princípios cooperativistas por meio de ações voluntárias.

É um programa vem convidar as cooperativas para aderirem a campanha, através de iniciativas voluntárias a serem realizadas pelas mesmas inscritas no site da Nacional. O SESCOOP tem como dever realizar no primeiro sábado de julho a celebração do Dia C, dia escolhido por ser comemorado o Dia Internacional do Cooperativismo. É um sábado, que vem celebrar através de iniciativa escolhida pela unidade estadual, para está presente as cooperativas que aderiram a campanha, os familiares, colaboradores, parceiros e convidados, beneficiando um público alvo.

Já na área de Monitoramento, o SESCOOP criou dois programas, para acompanhar a gestão das cooperativas. O primeiro programa é PAGC - Programa de Acompanhamento da Gestão Cooperativista, visa garantir que o cooperativismo no país mantenha suas características originais de respeito ao trabalho coletivo e para o bem comum.

O segundo programa é o PDGC - Programa de Desenvolvimento da Gestão das Cooperativas, que tem como objetivo principal, promover a adoção de boas práticas de gestão e governança pelas cooperativas. Toda metodologia é pautada no Modelo de Excelência da Gestão (MEG), da Fundação Nacional de Qualidade, que é um modelo referencial, utilizado para promover a melhoria da qualidade da gestão e o aumento da competitividade das organizações.

### **2.3. Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo de Roraima**

O SESCOOP/RR foi criado em 09 de Setembro de 1999, é um entidade vinculada ao Sindicato e Organização das Cooperativas Brasileiras do Estado de Roraima - OCB/RR, tal como a unidade Nacional. Com os objetivos de organizar, administrar e executar o ensino, a formação profissional e a promoção dos trabalhadores e do quadro social das cooperativas existentes em Roraima. Seu segundo objetivo é operacionalizar o monitoramento de cooperativas, bem como a supervisão, auditoria e o controle.

O SESCOOP/RR teve como primeiro Presidente Sílvio Silvestre de Carvalho, que se mantém até hoje na Presidência, e Jucélia Rodrigues do Carmo ocupa a Superintendência. Conforme consta no mapa estratégico que fica vigente do ano de 2015 a 2020 do Estado de Roraima, a visão do cooperativismo: - Em 2025, o cooperativismo será reconhecido pela sociedade por sua competitividade, integridade e capacidade de promover a felicidade dos cooperados. A Missão: - Promover a cultura cooperativista e o aperfeiçoamento da gestão para o desenvolvimento das cooperativas brasileiras.

O SESCOOP é responsável por realizar ações voltadas para formação, qualificação e capacitação dos associados, dos dirigentes e dos empregados em suas cooperativas; alicerçados nos princípios e valores cooperativistas. O SESCOOP/RR atua nas diretrizes de formação, apenas em duas áreas da natureza, que são a Qualificação/Capacitação Profissional e Pós Graduação.

Suas capacitações são definidas conforme surgem as demandas e necessidades das cooperativas. Como é feito um monitoramento, fica mais fácil de identificar as necessidades das cooperativas. Diante da dimensão das cooperativas e das inúmeras capacitações ocorridas no decorrer dos anos, surgiu a necessidade de trazer para o estado um curso mais avançado em cooperativismo, então em 2013 iniciou em Roraima o primeira Pós Graduação em Cooperativismo, junto com um convênio firmado com a UFRR ( Universidade Federal de Roraima), no ano de 2014 iniciou o processo para começar a segunda turma da Pós Graduação, MBA em Gestão de Cooperativas.

### **3. METODOLOGIA**

Para a elaboração deste trabalho, foram levantadas informações dos relatórios de avaliação da visita técnica realizada na cooperativa COOPERCARNE, na cidade de Boa Vista-RR, a qual pretende mostrar alguns resultados da Educação cooperativista, a partir da percepção dos discentes. Essa investigação classifica-se como qualitativa, ou seja, descrever o fenômeno como ele é (Roesch, 2009). O trabalho aqui proposto, é um estudo de caso. Além disso, trata-se de pesquisa exploratória. Para tanto, utilizou-se para a coleta de dados os relatórios de alunos do curso de Pós-Graduação do MBA em Gestão de Cooperativas, tendo 17 discentes participantes nesta visita técnica. Para análise dos dados, realizou-se a análise de conteúdo (Bardin, 1977).

#### 4. RESULTADOS

Em 1999 quando o SESCOOP chegou em Roraima, o cenário das cooperativas foram mudando. As cooperativas passaram por capacitações, treinamentos, palestra e outros. Com o passar dos anos surgiu a demanda de criar uma capacitação que oferecesse mais informações sobre as cooperativas. Então o SESCOOP-RR em parceria com a Universidade Federal de Roraima - UFRR promoveu a primeira turma de pós graduação em cooperativismo no ano de 2013, finalizada a primeira turma, tendo muita procura, abriu novamente o processo seletivo para compor a segunda turma do MBA, que iniciou no segundo semestre de 2014, qual será finalizada em 2016.

O MBA em Gestão de Cooperativas tem o objetivo de formar gestores de cooperativas preparados para lidar com a especificidade das organizações cooperativas e com habilidades conceituais e operacionais para gerência destas organizações, visando preparar profissionais e dirigentes para enfrentar os desafios contínuos que as cooperativas enfrentam no mercado.

Essa Pós Graduação tem 360 carga horária, , dividido em 4 módulos. Primeiro módulo é conceitual, objetivando constituir um corpo teórico-analítico. o segundo módulo é instrumental, objetivando o preparo profissional, elaboração e desenvolvimento do projeto de monografia. O terceiro módulo é gerencial, que visa a gestão das cooperativas, nos aspectos contábeis e orçamentários, de pessoal, estratégico e mercadológico, já o quarto e último item trata dos conhecimentos no conexos no cooperativismo que podem ser utilizados nas tomadas de decisões.

No projeto Pedagógico está prevista duas visitas técnicas. A primeira ocorreu na Cooperativa Agropecuária de Roraima- COOPERCARNE – no dia 24 de setembro de 2015 e depois na Cooperativa Agropecuária dos Cinco Polos – COOPERCINCO, no dia 01 de dezembro 2015. O foco do trabalho será apenas na visita na COOPERCARNE, haja vista que a ideia foi analisar o ramo agropecuário.

Analisando as falas dos alunos, a partir dos registros em relatórios, no que tange ao conhecimento prático de cooperativas, percebeu-se que houve menção em melhor entendimento do tipo de organização visitada. Mediante a proposta da visita os alunos puderem entender o funcionamento de uma cooperativa, conforme fala “A partir da apresentação do objetivo da cooperativa, foram apresentadas várias considerações sobre o funcionamento desta, inclusive a forma como ela está, de maneira geral, organizada/estruturada, assim como os principais entraves que dificultam as suas atividades e algumas de suas características”.

Outra fala registrada, de aluno, foi a seguinte: “os fatores organizacionais observados na visita que serviram de aprendizado foram à forma de agir dentro da cooperativa, as relações entre proprietários gestores e mercado”.

Para outro docente “durante toda visita foi relatado como funciona a cooperativa do começo até o final do processo de vendas dos produtos, os meios legais que a cooperativa pratica; a participação e a preocupação com os produtos visando à qualidade”.

Além do funcionamento de uma cooperativa, os alunos também puderam saber sobre as dificuldades encontradas. Eis o comentário: “Reforçando os relatos do Sr. Antônio Oliveira, o Sr. Márcio Granjeiro, relatou as dificuldades do setor, como a questão do abatedouro estadual e de soluções para tal problema”.

Enfatiza-se que dentre as diversas atribuições da Coordenação do Curso a visita técnica tem como objetivo criar mecanismos para integração da universidade com o mercado de trabalho apoiando ações que promovam associação da teoria e prática. De acordo com Moran (2007) a parceria entre a escola e o mundo do trabalho, é uma necessidade para a concretização da atual concepção de educação profissional.

Uma das situações expostas pelos alunos remonta sobre o despertar de uma temática de maior interesse que diz respeito à lei estadual nº215, que trata de isenção de ICMS, “por estarem tendo acesso a estas informações na prática, os estudantes puderam ampliar seus conhecimentos sobre o assunto”. Além disso, percebeu-se as vantagens de ser um cooperado que alguns puderam ver como funciona esta forma de incentivo por parte do governo.

Nessa perspectiva de dificuldades, a visita proporcionou que os discentes apreender quais entraves que as cooperativas encontram no Estado. Viu-se que organização encontra algumas dificuldades em relação a problemas relacionados a políticas públicas como zoneamento ecológico e econômico, defesa animal e vegetal. “A cooperativa não tem condições de vender a carne bovina com osso sendo que para isso tem que fazer a desossa, com esse procedimento o produto fica mais caro caindo muito a margem de lucro”. Para contornar as dificuldades encontradas no abate, “estão se organizando para montar um frigorífico de última geração para melhor atender seus associados”.

Identificou-se comentários sobre os docentes que promoveram e acompanharam a visita técnica, visto como agentes de mobilização, e profissionais e estimuladores de atividades enriquecedora, conforme fala que segue. “Agradeço às professoras pela oportunidade, pois esta atividade foi muito proveitosa e estimulou a nossa forma de ver o mundo das cooperativas, na prática”. Para Silva o planejamento deve ser conjunto, e o processo pedagógico deve ser simultâneo e articulado com o mercado de trabalho (Silva, 2011).

Em relação às expectativas pode-se inferir que superou as expectativas dos alunos presentes, principalmente por promover a discussão de questões já visualizadas na teoria, mas

que puderam ser analisadas na prática de uma cooperativa já consolidada no Estado, por meio dos relatos realizados.

	<b>Falas dos discentes no relatório de avaliação da visita técnica</b>
	A visita realizada atendeu minhas expectativas, pude constatar que dentro do Estado de Roraima temos condição de fazer com que funcionem esse ramo de investimento.
	Acredito que o desenvolvimento de Roraima será de forma organizada e que virá do setor primário, vejo como oportunidade de crescimento profissional o ramo de cooperativismo.
	Podemos concluir que a visita foi de grande satisfação e tornando as expectativas atingidas durante todo o tempo presente na sede, levando-nos conhecimento e observando de perto como que praticando princípio do cooperativismo tem sucesso a cooperativa.
	A visita técnica atingiu plenamente o objetivo, pois houve uma integração positiva entre os participantes, principalmente pela troca de experiências entre o que souberam transmitir com clareza como COOPERCARNE atua.
	Diante do exposto podemos concluir que a visita proporcionou aos alunos uma visão geral do funcionamento da cooperativa, sua gestão, seus produtos e visão de futuro. Quanto aos processos produtivos, técnicas e tecnologias adotados dentro da cooperativa não tivemos acesso, visto que, faltou a visita nas instalações físicas onde são desenvolvidas tais atividades.
	Podemos concluir que a visita realizada foi ao encontro das expectativas dos estudantes, o objetivo foi alcançado, com explicações claras e objetivas mostrando um trabalho desenvolvido pelo interesse mútuo e buscando atender sempre a necessidade do associado, o senhor Antônio Oliveira diretor financeiro se mostrou atento a todas as necessidades e sempre em busca de inovação para sua empresa.
	A visita técnica foi de grande utilidade, pois pode ver como uma cooperativa funciona e como foi formada. As expectativas foram superadas, pois foi possível coletar informações da COOPERCARNE, tais como: atuação no mercado, participação dos cooperados e sua responsabilidade com a cooperativa. E os problemas que o estado de Roraima deve superar para que possa exportar a carne para outros estados e países.
	Podemos concluir que a visita realizada foi ao encontro com as expectativas dos estudantes além de esclarecer que para se ter sucesso precisa ter unidade nas decisões coletivas, na gestão é necessário conhecimento e capacidade técnica para uma excelente administração
	Tenho que busca conhecimento, mas a fundo para me interagir na prática de que forma é conduzido todos os transmite para obter uma conclusão com êxito, ao meu ver é muito pouco tempo pra ficar situado em todas as informações ali citada. Gostaria de, mas horas para pode conhecer melhor a COOPERCARNE. Entre tanto fico grata por essa oportunidade de pode visita uma Cooperativa deste porte.
	Podemos concluir que a visita foi de grande satisfação e tornando as expectativas atingidas durante todo o tempo presente na sede, levando-nos conhecimento e observando de perto como que praticando princípio do cooperativismo tem sucesso a cooperativa

Fonte: os autores.

Diante o quadro, com as falas dos docentes, acredita-se que a visita técnica é recurso didático-metodológico de suma importância, já que a partir desse mecanismo é possível aprofundar o conhecimento teórico em obtido em sala de aula e confrontá-lo com a prática.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Logo, partindo da ideia da educação cooperativista se torne uma parte inseparável da educação dos cooperados percebe-se que a visita técnica ajuda na os docentes interagindo com o mundo do trabalho, entendendo sua forma, vantagens e dificuldades, além de entender como agem os trabalhadores, líderes e dirigentes.

Nesta perspectiva, é primordial que os alunos tenham oportunidade de interagir com o setor produtivo que pretende ingressar. Por isso, a atividade de visita técnica é de suma importância proporcionando aos participantes uma visão mais ampla.

A realização da visita técnica no MBA em Gestão de Cooperativas na COOPERCARNE foi vista pelos alunos como uma atividade agregadora, pois pode-se observar o ambiente real de uma cooperativa em pleno funcionamento, além de ser possível verificar sua dinâmica organizacional.

Conclui-se que a visita técnica foi satisfatória aos olhos dos discentes, já que houve a possibilidade de confrontar aspectos teóricos com a prática, bem como contribuir para a sua formação geral do aluno a partir do desenvolvimento do senso crítico.

Enfim, com a realização a visita técnica ofertadas pelo MBA em Gestão de Cooperativismo está contemplada no Plano de Curtos substanciadas e, portanto, mostram serem instrumentos motivadores do processo de ensino e aprendizagem, uma vez que proporcionam maior interatividade e despertam a satisfação tanto dos estudantes quanto dos docentes.

## REFERÊNCIAS

Bardin, L. (1977). **Análise de Conteúdo**. 70. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes.

Benetti, Kelly Cristina; Costa, Alexandre Marinho; Klaes, Luiz Salgado. (2006). Anais do VI Colóquio internacional sobre gestão universitária na América do Sul. Blumenau de Santa Catarina, 2006. Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/74639?show=full>>. Acesso em: 29 ago 2016.

Brotto, Fábio. Pedagogia da Cooperação. Disponível em: <<http://www.projetocooperacao.com.br/2009/04/14/a-pedagogia-da-cooperacao-construindo-um-mundo-onde-todos-podem-venser/>>. Acesso em: 29 ago. 2016.

Crúzio, Helnon de Oliveira. (2005). Como Organizar e Administrar uma Cooperativa: Uma Alternativa para o Desemprego. Rio de Janeiro: Editora FGV, 156p.

De Plácido e Silva. (2000). Vocabulário jurídico. 17.ed. Rio de Janeiro: Forense.

Dencker, Ada de Freitas Maneti. (1998). Métodos e Técnicas de pesquisas em Turismo. São Paulo: Futura.

Ferreira, P. R., Presno Amodeo, N. B. (2008). O Sescop e a criação do campo da educação cooperativista. In: ENCONTRO DE PESQUISADORES LATINOAMERICANOS DE COOPERATIVISMO, 5., 2008, Ribeirão Preto. Anais... Ribeirão Preto: FEARP/USP, 2008.

Frantz, W. (2001). Educação e cooperação: práticas que se relacionam. Sociologias, Porto Alegre, ano 3, n. 6, p. 242-264, jul./dez.

Frantz, W., Schonardie, P. A. (2007). As práticas do movimento cooperativo como lugares de educação. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30., 2007, Caxambu. Anais... Caxambu: Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa de Educação. p. 1-15.

Klaes, Luiz Salgado. (2005). Cooperativismo e ensino à distância. Florianópolis. Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/103034/213746.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 01 set 2016.

Lago, A. (2008). educação cooperativa: a experiência do programa do Sicredi. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 46., Rio Branco. Anais... Rio Branco: Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural 2008.

Moran, José Manuel. (2007). A educação que desejamos novos desafios e como chegar lá. Campinas: Papirus.

OCB – Banco de dados. Disponível em: [http://www.ocb.org.br/site/brasil\\_cooperativo/index.asp](http://www.ocb.org.br/site/brasil_cooperativo/index.asp). Acesso em: 19 set. 2016.

Oliveira, E. D. (2013). **O COOPERATIVISMO POPULAR COMO EXPRESSÃO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA: CONCEITOS E DESAFIOS**. Maringá, v. 5, n. 1 , p. 149-172, 2013

Roesch, S. M. (2009). **A. Projetos de Estágio e de Pesquisa em Administração: Guia para Estágios, Trabalhos de Conclusão, Dissertações e Estudo de Caso**. 3. ed. 4. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

Schneider, J. O. (2003). Pressupostos da educação cooperativa: a visão de sistematizadores da doutrina do cooperativismo. In: SCHNEIDER, J. O. (Org.). Educação cooperativa e suas práticas. Brasília: SESCOOP. p.13-58.

Schneider, José Odelso, Hendges, Margot. (2006). Educação e capacitação cooperativa: sua importância e aplicação. ESAC – Economia Solidária e Ação Cooperativa. Unisinos, v.1, jul/dez. p. 33-48.

Schneider, José Odelso, Hendges, Margot, Silva, Antonio Cesar Machado da. (2010). Educação e Capacitação Cooperativa: Os desafios no seu desempenho. 1. ed. v. 1. São Leopoldo: Unisinos. 132 p.

A visita técnica sob o olhar dos discentes do MBA em gestão de cooperativa da UFRR  
Sandréia de Araújo Campêlo e Georgia Patrícia da Silva Ferko

Silva, A. G. et al. (2011). **Visitas técnicas no ensino da química – o tratamento das águas em destaque.** 34<sup>a</sup> Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química. Florianópolis.

Veloso, Marcelo Parreira. (2000). Visita Técnica – Uma investigação acadêmica (estudo e prática de Turismo) Goiania. Kelps.